

CHRISTINE CORRÊA

**COMENDO O PÃO QUE O DIABO
AMASSOU NO APRENDIZADO DA
LÍNGUA PORTUGUESA: UMA REFLEXÃO
SOBRE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS
PARA FALANTES NATIVOS E UM
DESAFIO PARA APRENDIZES DE PL2E**

MONOGRAFIA

DEPARTAMENTO DE LETRAS

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO
SENSU* – CURSO DE FORMAÇÃO DE
PROFESSORES DE PORTUGUÊS PARA
ESTRANGEIROS**

RIO DE JANEIRO

DEZEMBRO DE 2011

Christine Corrêa

**Comendo o pão que o diabo amassou no
aprendizado da língua portuguesa: uma reflexão
sobre Expressões Idiomáticas para falantes
nativos e um desafio para aprendizes de PL2E**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Lato Sensu no Curso de Formação de Professores de
Português para Estrangeiros.

Orientadora: Profa. Adriana F. de Souza de Albuquerque

Rio de Janeiro

Dezembro de 2011

Agradecimentos

Aos professores deste curso, que me despertaram para um novo olhar para a língua portuguesa.

Resumo

Esta monografia descreve e analisa três Expressões Idiomáticas compostas por elementos do campo semântico do ato de comer que se referem a sentimentos e comportamentos: "comer o pão que o diabo amassou", "comer com os olhos" e "comer gato por lebre". A análise mostra que o uso destas Expressões Idiomáticas é um fenômeno cultural que acompanha a evolução da língua.

Palavras-chave

Comer o pão que o diabo amassou; comer com os olhos; comer gato por lebre.

Sumário

1. Introdução	7
1.1. Tema	7
1.2. Objetivo	7
1.3. Justificativa	7
1.4. Hipótese	8
2. Revisão da literatura: Gramáticas e Dicionários	9
3. Pressupostos teóricos	11
3.1. Considerações iniciais sobre as Expressões Idiomáticas	11
3.2. Definindo “Expressão Idiomática”	13
3.3. Conceituando “Metáfora”	13
3.4. Teorias	14
4. Pressupostos metodológicos	16
5. Análise de dados	17
6. Conclusão	20
7. Referências bibliográficas	22
7.1. Fontes	22
7.2. Imagens e textos ilustrativos	24

"Tout homme bien portant peut se passer de manger pendant deux jours - de poésie, jamais!"

Charles Baudelaire

"Todo homem saudável consegue ficar dois dias sem comer - sem poesia, jamais!"

Charles Baudelaire

1

Introdução

1.1

Tema

“Comer o pão que o diabo amassou”, “comer com os olhos” e “comer gato por lebre”: Expressões Idiomáticas compostas por elementos do campo semântico do ato de comer que se referem a sentimentos e comportamentos.

1.2

Objetivo

Este trabalho pretende descrever e analisar, do ponto de vista linguístico e cultural, o sentido de três Expressões Idiomáticas do campo semântico do ato de comer que se referem a sentimentos e comportamentos, tendo como objetivos finais o ensino do Português como segunda língua para estrangeiros, PL2E, e a reflexão do falante nativo sobre o Português como língua materna.

1.3

Justificativa

Acreditamos que o estudo apresentado nesta monografia possa contribuir para ampliar um pouco mais o olhar sobre a importância das Expressões Idiomáticas no Português.

Apesar de as Expressões Idiomáticas garantirem uma rica e singular característica à Língua Portuguesa, elas ainda permanecem à margem da cultura linguística oficial. O tema é apaixonante e quanto mais estudos sobre ele forem feitos, mais visibilidade será dada ao estudo do Português e às Expressões Idiomáticas como um todo.

A comida e o comer assumem uma posição central no aprendizado social, por sua natureza vital e essencial, embora rotineira. O comportamento linguístico relativo ao comer revela repetidamente a cultura em que está inserido.

“Se passarmos os olhos pela língua, damo-nos conta da presença constante de elementos do campo semântico do ato de comer como pontos de partida preferenciais para a metaforização, percorrendo os mais variados domínios da psicologia humana.” (Vilela, 2003)

“De fato, nada mais rico, na nossa língua, que os vários significados do verbo comer em suas conotações. Existem várias metáforas onde se usa a palavra comer ou comida e onde o ato de alimentar-se tem significados precisos.” DaMatta (1984: 56, 57)

1.4

Hipótese

Nossa hipótese busca comprovar que as Expressões Idiomáticas analisadas aqui mantiveram a essência e toda a expressividade de sua origem, no que diz respeito ao sentido literal manifestado pela composição e pelo uso do significado literal de suas palavras, ainda que, ao longo dos anos, este significado tenha sido incorporado a diferentes contextos.

Revisão da literatura: Gramáticas e Dicionários

As Expressões Idiomáticas não recebem grande atenção dos gramáticos nem dos dicionaristas: Holanda (2004) define Expressão Idiomática como “uma sequência de palavras que funcionam como uma só palavra”, ou como “idiotismo”. Para Houaiss (2007, apud Abrantes, 2009), “idiomatismo é sinônimo de idiotismo, locução própria de uma língua, cuja tradução literal não faz sentido.”

Segundo Cunha em “O Tratamento das Expressões Idiomáticas nos Principais Dicionários Brasileiros” (www.filologia.org.br), Evanildo Bechara “insere as Expressões Idiomáticas no item ‘Vícios e Anomalias de Linguagem’, [na sua Moderna Gramática Portuguesa], associando-as com estruturas de carga negativa e que, portanto, devem ser evitadas”.

“Os dicionários se tornam ineficientes no acesso às Expressões Idiomáticas: como são indecomponíveis, elas deveriam aparecer como entradas específicas, o que não acontece.” (Xatara, 1995, p. 197, apud Abrantes, 2009)

“Geralmente se desconsidera um estudo mais sistemático das Expressões Idiomáticas, embora este pudesse representar uma contribuição para a fluência do falante, seja ele nativo ou aprendiz de PL2E.” (Fillmore, 1979 apud Xatara, 1995)

Na maioria dos dicionários unilíngues, especiais ou de língua, a compreensão das definições completa-se com indicativos que esboçam uma configuração dos usos da língua. Nos bilíngües, porém, esses indicativos, quando aparecem, muitas vezes não são suficientes se não acompanharem traduções que também os respeitem na língua estrangeira.

Sendo assim, a ineficiência no tratamento das Expressões Idiomáticas, tanto por parte das gramáticas tradicionais, como por parte dos dicionários, dificulta sua ampliação e valorização nos diversos segmentos do uso do Português e nos aspectos culturais da Língua Portuguesa, tanto para alunos nativos como para alunos de PL2E. É raro encontrarmos Expressões Idiomáticas em textos literários e, quando isto acontece, estão entre aspas, caracterizando alguma excepcionalidade; também é incomum encontrá-las em textos jornalísticos, a não

ser quando se trata de cronistas consagrados ou autores modernos e conscientes da realidade do uso da língua.

3

Pressupostos teóricos

3.1

Considerações iniciais sobre as Expressões Idiomáticas

“Muitas vezes o léxico de uma língua não dispõe em seu acervo de unidades lexicais apropriadas para expressar certas nuances de sentimento, emoção, ou sutilezas de pensamento do falante. Por não encontrar no repertório disponível os elementos de que necessita para sua comunicação ou expressão verbal em determinada situação, o falante lança mão de combinações inusitadas, ou seja, originais, buscando um efeito de sentido.” (Xatara, 1995, “O resgate das Expressões Idiomáticas”, Alfa, v. 39, p.195)

Assim sendo, o ato de comer, primordial para a vida, serve de trampolim para conceituar e lexicalizar situações que, depois, metaforicamente, se tornam configuradoras de situações gerais. (Vilela, 2003)

Algumas tradições histórico-culturais podem conduzir ao levantamento de hipóteses sobre as possíveis origens literais de algumas Expressões Idiomáticas.

A formação linguística e cultural brasileira recebeu três influências básicas, a saber, a do colonizador português, a do escravo africano e a do nativo indígena.

Segundo Silva (2010), os “aspectos corporizados da mente, cognição, linguagem e significado estão situados num contexto sócio-cultural, e, por esta mesma razão, esquemas imagéticos, metáforas, metonímias etc. envolvem especificidades culturais.”

Quando Luís da Câmara Cascudo comenta no Dicionário do Folclore Brasileiro (edição s/d: 353) que, “no Brasil, o diabo é português, com os mesmos processos, sedução e pavores”, e acrescenta que “negros e ameríndios ajudaram ao satanás dos brancos, ampliando-lhe domínio e formas, mas sem que lhes dessem nascimento”, o pesquisador associa a imagem do “diabo” presente na cultura brasileira ao colonizador português católico.

Ainda segundo Silva (idem), “conceituação de Deus e das divindades não é universal nem obedece a um conceito geral. Os conceitos de Deus, deuses e divindades são, antes, construídos pelas culturas.”

Será que “comer o pão que o diabo amassou” significa comer um pão amassado pelo diabo? É possível que, no contexto histórico-cultural do Brasil-Colônia, a expressão tivesse um significado simbólico muito próximo do literal, devido à força da religião católica na sociedade da época.

Já no Brasil do início do século XXI, “comer o pão que o diabo amassou”, segundo Pugliesi (1981) e Holanda (2004), é o mesmo que passar por um grande sofrimento, equivalente, talvez, ao que teria sido, no período colonial, metafórica ou simbolicamente falando, comer um pão amassado pelo diabo.

O que é “comer com os olhos”? Segundo Pugliesi (1981) e Holanda (2004) é cobiçar e desejar intensa e ousadamente. Câmara Cascudo (1977) observa que, tradicionalmente, as culturas concedem aos olhos faculdades de poder e força magnética, daí o tradicional e universal costume do respeitoso “não-olhar”, usado ainda hoje quando se curva a cabeça e baixa os olhos em cerimônias religiosas e diante de reis e rainhas. Ainda segundo Câmara Cascudo (1985), “há uma credence popular para evitar o olhar fixo”. Explica-se que “quem olha demoradamente absorve a ‘sustança’, a força, a energia” daquilo que é olhado. No sertão nordestino, nos momentos das refeições, “não se olha para quem come porque o alimento perde sua vitalidade. (...) O olhar demorado é uma profanação”. No Brasil da sociedade de consumo do início do século XXI, a expressão “comer com os olhos” parece ter se desvirtuado de seu sentido tradicional, sendo usada mais como fórmula introdutória para textos de receitas culinárias do que como Expressão Idiomática.

“Comer gato por lebre” (variante de “comprar / levar gato por lebre”) significa, segundo Holanda (2004), ser enganado, recebendo coisa pior do que a devida, ou esperada. Câmara Cascudo (1977) se refere a “gato por lebre” como o “engano na substituição dolosa” e diz que “é frase vulgar no Brasil, trazida de Portugal, mas sem aplicação direta como na Europa dos cardápios de caça”. Diz o ditado que, “Em caminho francês / Dão gato por lebre ao freguês. (...) Em Coimbra, no século XIX, foi famosa a caçada aos gatos para fins culinários.” (idem)

Tradicionalmente, a lebre é uma iguaria pouco apreciada pelo paladar brasileiro, mas a Expressão Idiomática, usada tanto com o verbo “comer” quanto com os verbos “comprar” e “levar”, é usual.

3.2

Definindo “Expressão Idiomática”

“As Expressões Idiomáticas estão na tradição textual da Antiguidade greco-latina, na Bíblia, nas fábulas, nos romances e peças teatrais cômicas, na narrativa satírica e na poesia.” (Xatara, 1995, p. 207)

Sob uma ótica tradicional, as Expressões Idiomáticas são definidas como unidades fixas de palavras, com um significado igualmente fixo.

“Expressões Idiomáticas são formas sintáticas cristalizadas, cujos significados não derivam dos significados de seus constituintes. São, como os provérbios e os clichês, linguagem pré-fabricada ou padronizada”. (Nattinger, 1992, apud Abrantes, 2009)

“São frases, formas ou expressões fixas, todas aquelas comumente qualificadas de proverbiais, idiomáticas ou compostas, assim como as metáforas e clichês.” (Gross, 1992 apud Albuquerque, 2004)

“Propomos a seguinte definição de Expressão Idiomática: Expressão Idiomática é uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural.” (Xatara, 1998, Alfa 42 [n.esp.] p. 149)

“Expressão Idiomática é uma combinação metafórica que se cristalizou pelo uso e frequência de emprego (passando do individual para o social) numa determinada língua, apoiada na sua tradição cultural.” (Alvarez, 1998:103, apud Albuquerque, 2004)

3.3

Conceituando “Metáfora”

São muitos os filósofos da linguagem e os linguistas que buscam sistematizar o conhecimento sobre as metáforas e seu uso na linguagem.

“Numa Expressão Idiomática, a metáfora apresenta uma incongruência lógica, uma ruptura entre a mensagem e o código. É a enciclopédia que se modifica: muda-se o saber mesmo, a sua classificação e categorização. A metáfora atribui novas propriedades a uma entidade, catalogando-a em outra espécie.” (Vilela, 2003)

“A metáfora, na perspectiva de Lakoff & Johnson (1980, apud Alvarez, 2008), é o conceito base que organiza a representação da linguagem, mantendo interconexão entre os vários componentes dela e criando uma espécie de teia associativa.”

Segundo Fernandez (2003, apud Bassani, 2008), do ponto de vista clássico, na primeira análise detalhada, feita por Aristóteles, a metáfora como fenômeno intralinguístico “seria um desvio do uso normal da linguagem que transpõe a significação inerente a uma determinada palavra a uma outra, distinta”.

“Em Wordsworth e Coleridge, só existiria uma diferença entre literal e metafórico nas sociedades que tivessem desenvolvido a capacidade do pensamento abstrato, e então a metáfora seria uma maneira de experimentar os fatos. (...) Por esse prisma, a imaginação desempenha função importante na produção da metáfora, uma vez que, por meio desta, as palavras encerradas em sua própria realidade são sobrepostas ao mundo real, formando um pensamento novo.”

Segundo Black (1962, apud Alvarez, 2008), as metáforas são “instrumentos que nos ajudam a ver novos aspectos da realidade que elas mesmas criam.”

Lakoff & Turner (1989, apud Alvarez, 2008) advertem que, “ao estudar metáforas, é possível defrontar-se com a nossa mente e cultura e que esse entendimento inclui a descoberta de nossa visão de mundo e do fato de que as metáforas têm um papel imenso na formatação da nossa compreensão dos eventos cotidianos”.

3.4

Teorias

As correntes teóricas sobre as quais sustentamos nossas reflexões têm conceitos lexicais, semânticos, pragmáticos e culturais que se interrelacionam.

Do ponto de vista gramatical/morfológico, Expressões Idiomáticas são sequências de palavras que funcionam como uma só (Holanda, 2004 apud Abrantes, 2009); são formas sintáticas cristalizadas ou linguagem pré-fabricada, padronizada (Nattinger, 1992 apud Abrantes, 2009); são lexias complexas ou unidades frasais (Xatara e Oliveira, 2002 apud Abrantes, 2009).

Do ponto de vista sintático/semântico, são construções fechadas, expressões fixas não-analisáveis, de interpretação semântica não literal. Segundo Xatara e Oliveira (2002), Zavaglia (2006), e Biderman (2005), em Abrantes (2009), as Expressões Idiomáticas, em sua grande maioria, não admitem associações ou substituições paradigmáticas.

Do ponto de vista cultural/pragmático, as Expressões Idiomáticas só se explicam e se consagram à luz da história da língua e da cultura de seu povo.
(idem)

Pressupostos metodológicos

Partimos de observações empíricas, em contextos de fala espontânea e textos de mídia impressa, no entanto, encontramos grande dificuldade para obter material para o *corpus* deste trabalho nos textos desta mídia. Como foi afirmado no item 2 desta monografia, a saber, “Revisão da literatura: Gramáticas e Dicionários”, a ineficiência e o desinteresse no tratamento das Expressões Idiomáticas, tanto por parte das gramáticas como dos dicionários, dificultam seu uso e divulgação na Língua Portuguesa escrita. Evanildo Bechara chega a associar as Expressões Idiomáticas a “estruturas de carga negativa que devem ser evitadas”.

Os exemplos encontrados provêm de jornais populares ou de colunas escritas por jornalistas conscientes e seguros do uso que fazem dessas estruturas linguísticas.

Sendo assim, este trabalho apresenta uma análise qualitativa de textos jornalísticos e de propaganda, sob um aspecto bastante informal.

Análise de dados

Os textos e as propagandas analisados foram coletados em jornais do Rio de Janeiro, no Google Notícias e no Google Shopping. As imagens e os textos se encontram no final deste trabalho.

(I) “Bieber comeu o pão que o diabo amassou antes de ficar rico” (Capa do jornal MEIA HORA, de 06/10/2011)

Nesta notícia de primeira página do jornal sensacionalista carioca MEIA HORA, o leitor só será capaz de entender o que aconteceu com Bieber se tiver conhecimento do significado da Expressão Idiomática “comer o pão que o diabo amassou”. Aí, sim, ele compreenderá que Bieber sofreu muito até ficar rico. Por inferência, perceberá que, neste caso, o sofrimento terá sido causado pela falta de dinheiro, uma vez que o mesmo cessou quando ele ficou rico. Ao ler o texto completo da reportagem com o título acima, o leitor saberá as agruras materiais pelas quais o jovem passou na infância.

(II) “Eike, compra a aranha!” (Manchete da coluna “Gente Boa”, de Joaquim Ferreira dos Santos, no Segundo Caderno de “O Globo”, em 18/9/2011)

“Na abertura da exposição de Louise Bourgeois no MAM, os comentários gerais eram: “Como ela sofreu!”, “Coitada, ficou traumatizada!”

E continua a notícia da coluna: “Era mais ou menos essa a reação de todos que viram as obras da franco-americana que comeu o pão que o diabo amassou desde sempre – com especial destaque para a época em que, aos doze anos, acompanhou de perto o caso que o pai mantinha, sem a menor descrição, com uma amiga próxima da família. A mãe estava doente.”

Nesta notícia, diferentemente da anterior, o grande sofrimento tinha sido de ordem psicológica e emocional, e a superação de Louise Bourgeois tinha sido alcançada através da arte. O destaque do corpo da notícia era a dramaticidade da exposição e o sofrimento psicológico da artista. A aranha a que se refere o título é uma escultura gigante, chamada Maman, que estava no jardim do MAM, onde se realizava a exposição, e o apelo era para que o milionário Eike Batista a comprasse, para que ficasse definitivamente na cidade.

Em menos de um mês, a Expressão Idiomática “comer o pão que o diabo amassou” apareceu em dois veículos de destaque na mídia impressa carioca: na capa de um jornal popular e em uma coluna de destaque de um jornal de classe A. Voltados para públicos específicos, cada um usou a Expressão Idiomática em referência a um tipo de sofrimento: um, o sofrimento material, e o outro, o emocional.

(III) O livro intitulado “Para comer com os olhos”, de Renata Sant’anna, edição de 2011, apresenta, segundo a sinopse, um “banquete para os olhos” sob a forma de um passeio pelas obras de arte que utilizam alimentos em sua criação. Entre diversos artistas, o livro apresenta obras de Vik Muniz, que utilizou açúcar e chocolate na composição de seus trabalhos.

Aqui, a Expressão Idiomática “comer com os olhos” assume um significado menos metafórico e mais literal em relação ao verbo “comer”, porque o significado final da expressão se refere de fato à comida e não a sentimentos e comportamentos.

(IV) Na propaganda da aula de culinária intitulada “Comer com os olhos”, em que aparece uma cornucópia cheia de hortaliças e frutas, o uso da Expressão Idiomática que dá nome ao cartaz também é voltado para a comida e não para sentimentos ou comportamentos.

Assim, nos exemplos encontrados para ilustrar neste trabalho o uso da Expressão Idiomática “comer com os olhos”, verificamos que o significado final da expressão contrariava aquilo que esperávamos encontrar, segundo as referências de Pugliesi, Holanda e Câmara Cascudo. Parece-nos que, em seu uso atual, o peso do verbo “comer” nesta Expressão Idiomática é maior do que o do complemento “com os olhos” e, por este motivo, a expressão fica esvaziada de seu sentido metafórico tradicional. Segundo observamos ao longo deste breve estudo, parece ser o complemento do verbo “comer” nas Expressões Idiomáticas o elemento que dá à expressão seu valor metafórico final.

Vilela (2003) afirma que, (i) “metáfora é um processo cognitivo por meio do qual uma série de conceitos, ou domínios conceituais, são compreendidos (conceituados ou categorizados) em termos de outros domínios”; (ii) “o conceito que serve de modelo é denominado ‘domínio fonte’ e o outro, ‘domínio destino’”; e (iii) “é possível transferir o conhecimento e os modelos de inferência do ‘domínio fonte’ para o ‘domínio destino’”.

O processo descrito por Vilela não ocorre nos exemplos encontrados no uso atual da Expressão Idiomática “comer com os olhos”.

Expressões Idiomáticas são estruturas linguísticas que celebram relações sociais e culturais. Numa sociedade em transformação como a nossa, que vive de dieta para emagrecer, mas que, contraditoriamente, valoriza sobremaneira o comer e a gastronomia, questionamo-nos se seria possível que esta contradição, tão presente na nossa realidade, estivesse confundindo e transformando o uso desta Expressão Idiomática, pois, até pouco tempo, a ilustração da metáfora “comer com os olhos” destacaria os “olhos que comem”, e hoje, ao pesquisar ilustrações sobre a mesma expressão, só encontramos imagens de comidas e nada sobre os olhos que caracterizam (ou caracterizavam) o ato de comer mesmo com os olhos.

Os exemplos encontrados, relativos às expressões “comer gato por lebre”, “comprar gato por lebre”, ou ainda “levar gato por lebre”, ou seja, “ser enganado”, são notícias de jornais on-line e dizem respeito, predominantemente, a atividades ligadas à política, como no exemplo (V) “oposição acusa governo de vender gato por lebre”; e a negócios, como em (VI) “não leve gato por lebre: profissionais orientam como fazer uma boa compra e evitar sustos posteriores”.

É de se observar que os exemplos encontrados, relativos a “comer gato por lebre”, ou seja, “ser enganado” provenham dos mundos da política e dos negócios, universos diante dos quais o cidadão de hoje em dia vê necessidade de se precaver.

“[A Expressão Idiomática] é o lugar em que o discurso se faz língua, em que o social se faz símbolo.” (Xatara, 1995, Alfa, v.39, p. 208)

Conclusão

De acordo com o exposto, concluímos que, das três Expressões Idiomáticas analisadas neste trabalho, a saber, (i) “comer o pão que o diabo amassou”, (ii) “comer com os olhos” e (iii) “comer gato por lebre”, a primeira e a última, respectivamente, “comer o pão que o diabo amassou” e “comer gato por lebre”, mantiveram a essência e toda a expressividade de sua origem, ainda que estes significados tenham sido incorporados a novos contextos, a saber, contextos psicológicos, econômicos e políticos.

Com relação à segunda Expressão Idiomática aqui analisada, a saber, “comer com os olhos”, os exemplos encontrados para ilustrá-la divergem de Holanda (2004), Pugliesi (1981) e Câmara Cascudo (1977) por não expressarem “olhar com desejo”, significado tradicionalmente atribuído a esta expressão. Concluímos com um questionamento sobre a possibilidade de a referida Expressão Idiomática estar se transformando, paralelamente às transformações culturais vividas pela sociedade na qual está inserida.

Entendendo que “a metáfora é a principal figura no papel de reorganizador da nossa experiência, fundando uma nova estrutura do real” (Vilela, 2003);

Entendendo que “[a Expressão Idiomática] é o lugar em que o discurso se faz língua, em que o social se faz símbolo” (Xatara, 1995, Alfa, v.39, p. 208);

E entendendo que “a semântica de uma palavra não é um saco de sentidos, mas um potencial de significação (...) multidimensionalmente estruturado” (Vilela, 2003).

Perguntamos, então: como adentrar neste universo, inscrito no falante nativo desde antes do seu nascimento, segundo Revuz, “nessa linguagem [das Expressões Idiomáticas] que aflora do inconsciente”, segundo Xatara, e introduzir no aprendiz de PL2E o olhar sobre si mesmo em uma segunda língua?

Como ensinar a um aluno estrangeiro a ser ele mesmo e a viver em outra língua, que não a materna?

Como ajudá-lo a compreender, sentir e vivenciar expressões como “comer o pão que o diabo amassou”, “comer com os olhos” e “comer gato por lebre” na Língua Portuguesa?

Tarefa árdua a ser realizada pelo professor e pelo aluno de PL2E.

Vilela (2003) afirma que “os significados têm origens especificamente culturais e históricas” e, como colocou Gross (1988, apud Albuquerque, 2004), “se fosse feito um estudo sistemático das construções e dos elementos lexicais constituintes das Expressões Idiomáticas, ter-se-ia uma imagem mais completa e coerente da gramática e do léxico de uma língua”, no caso, a Língua Portuguesa.

Acreditamos que este trabalho possa servir de incentivo para outras reflexões e pesquisas dentro do vasto campo de conhecimento de mundo e de língua que existe dentro do universo das Expressões Idiomáticas, presentes nas tradições textuais de todas as culturas.

Finalizamos, citando Xatara (1995), que afirma que “a riqueza em Expressões Idiomáticas, num texto, corresponde ao interesse dado à linguagem oral, espontânea, à linguagem sintoma de comportamento social”.

7

Referências bibliográficas

7.1

Fontes

ABRANTES, C.A. 2009. A Idiomaticidade das cores em vocábulos e expressões da língua portuguesa no Brasil. Rio de Janeiro, 2009. Dissertação (Mestrado em estudos da Linguagem), orientadora: Prof^a Adriana Ferreira de Sousa Albuquerque – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

ALBUQUERQUE, A.; REBELLO, A.; REBELO, I. 2004. “Melhor sair de fininho para não pagar mico” IN I Encontro de Português Língua Estrangeira do Rio de Janeiro, PUC-RIO.

ALVAREZ, M.L.O. 2008. “A linguagem metafórica nos textos jornalísticos”, III Congresso Internacional sobre Metáfora, Fortaleza.

BASSANI, S.M.M.S. 2008. “Estudo da tradução de metáforas em duas obras de Jorge Amado” IN: Iberoamerica Global, The Hebrew University of Jerusalem, vol. I, Nº 3.

BECHARA, E. 2009. Minidicionário da língua portuguesa, Rio de Janeiro: Nova Fronteira S.A.

CASCUDO, L.C. _____ 1972. Dicionário do folclore brasileiro, 3ª Ed., Rio de Janeiro: Edições de Ouro.

_____. 1977. Locuções tradicionais no Brasil, 2ª Ed. rev. e aum., Rio de Janeiro: Funarte.

_____. 1983. Civilização e cultura, Belo Horizonte: Itatiaia

CUNHA, A.L. “O tratamento das expressões idiomáticas nos principais dicionários brasileiros”, IN: Cadernos do CNLF, vol. XIV, Nº 4, t.4.

DAMATTA, R. 1984. O que faz o Brasil, Brasil?, Rio de Janeiro: Rocco.

FERREIRA, A.B.H. 2004. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa, 3ª Ed., Curitiba: Positivo.

NASCENTES, A. 1986. Tesouro da fraseologia brasileira, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

PUGLIESI, M. 1981. Dicionário das expressões idiomáticas, São Paulo: Parma.

REVUZ, C. 2001. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco de exílio, IN: SIGNORINI, I. (org), *Lingua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*, Campinas: Mercado das Letras.

SILVA, A.S. 2010. “Palavras, significado e conceitos - o significado lexical na mente, na cultura e na sociedade” IN: *Cadernos de letras da UFF – Dossiê, Letras e Cognição* nº 41, pp. 47-53.

VILELA, M. 2003. “Os estereótipos da metáfora animal: comer gato por lebre” IN: “*Línguas e Literatura*”, *Revista da Faculdade de Letras, Porto*, XX, II, pp. 429-446.

XATARA, C.M. 1998. “O resgate das expressões idiomáticas”, *Alfa: revista de lingüística*, São Paulo: v. 39, pp. 169-176.

———. 1998. “O grupo minado das expressões idiomáticas”, *Alfa: revista de lingüística*, São Paulo: v. 42 (n. esp.), pp. 147-159.

7.2

Imagens e textos ilustrativos

(I)



(II)

11 O GLOBO

GENTE BOA

JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS



NINA DIAS observa uma das obras "inquietantes" de Louise Bourgeois
Fotos de Marcos Ramos



PAOLO BASSETTI, Carlos Chateaubriand e Kalil: "Arco da histeria"



RICARDO OHTAKE levou a exposição para SP, mas sem a aranha gigante

Eike, compra a aranha!

A campanha para comprar escultura

Os comentários mais ouvidos entre os convidados da abertura da exposição de Louise Bourgeois (1911-2010), no MAM, eram: "Catártica", "como ela sofreu!" e "colta-da, ficou traumatizada".

- Era mais ou menos essa a reação de todos que viram as obras da franco-americana que comeu o pão que o diabo amassou desde sempre — com especial destaque para a época em que, aos 12 anos, acompanhou de perto o caso que o pai mantinha, sem a menor discrição, com uma amiga próxima da família. A mãe estava doente.
- "Nossa, sinistro", disse a estudante Keila Pires, ao lado da mãe, ao ver a instalação "Quarto vermelho": portas que fazem a função de biombo e deixam ver, pelas brechas, a reprodução do quarto de seus pais em Paris. Há peças em formatos fálcos, pedaços de pernas, rostos com expressões assustadoras.
- "É uma iluminação dramática", explica o curador Philip Larrat, que, para aumentar a "dramaticidade" da coisa, mandou cobrir com insulfilm os janelões do MAM. "São obras fortes, precisam desse impacto."

(III)



Você já pensou em comer um quadro? E que tal encontrar um hambúrguer gigante em uma galeria de arte? Alguns artistas já utilizaram açúcar, pão, biscoito, legumes e até jujubas em suas obras. A arte pode ser um verdadeiro banquete para os olhos. Abra as páginas deste livro e descubra como saboreá-la. Bom apetite! O livro apresenta obras de diversos artistas, como Claes Oldenburg, Andy Warhol, Vik Muniz, Alex Vallauri, Regina Silveira e muitos outros. O leitor fará um passeio pela arte que usa alimentos na criação artística, passando pelas naturezas-mortas, impressionismo, pop art e chegando à arte contemporânea. A autora mostra como os artistas se apropriaram de objetos comuns do cotidiano para nos fazer pensar e ver a arte de uma nova maneira.

(IV)

Comer com os Olhos

Mexa seu corpo e as panelas! Lembre-se que alimentar o corpo de maneira equilibrada é sempre uma forma ativa de garantir energia e saúde para as atividades do dia a dia. Esta aula culinária-show trará receitas deliciosas e bem saudáveis para garantir corpo e mente bem espertos para o verão. A atividade é integrante da programação SESC Verão e será realizada pelo chef de cozinha Paulo Machado.

Restaurante.

30/1. Sábado, 12 às 16h.



**SESCSP
INTERLAGOS**

Av. Manuel Alves Soares, 1100 | Pq. Colonial
telefone 5662 9500 | email@interlagos.sescsp.org.br
Consulte a programação completa no site www.sescsp.org.br

(V)

PAC: oposição acusa governo de vender 'gato por lebre'

02 de junho de 2010 // 17h10 (Agência Estado)



"O governo vende gato por lebre", criticou nesta quarta-feira(02) o líder do DEM no Senado, José Agripino Maia (RN), sobre o balanço do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) anunciado esta manhã pelo governo.

Dos R\$ 656,5 bilhões em investimentos previstos no PAC, R\$ 302,5 bilhões (46,1% do total) foram concluídos entre 2007 e 2010, segundo dados do 10º balanço do programa. Do total investido, porém, a maior participação é de financiamento à pessoa física (R\$ 157,9 bi), seguido dos investimentos das estatais (R\$ 154,5 bi).

Ao incluir o montante de financiamento à pessoa física no balanço do PAC, na avaliação de Agripino, o governo tenta maquiagem os números. "Esse governo insiste no cacoete de anunciar como coisa feita uma lista de intenções", afirma.

Segundo o líder do DEM, o governo federal "não tem capacidade de gestão" para executar o PAC. "Eu gostaria muito que o PAC andasse tal como ele foi projetado", disse Agripino, referindo-se à morosidade do governo para a conclusão dos projetos. "O PAC é um elenco de obras que o governo não tem capacidade de gestão para executar", disse. "O governo é lento e insiste em vender gato por lebre", completou.

O líder do PSDB na Câmara dos Deputados, João Almeida (BA), também criticou os números anunciados pelo governo hoje. Almeida afirma que, segundo levantamento feito por ele no Siafi (Sistema Integrado de Administração Financeira), do total de investimentos do PAC previstos no Orçamento de 2010, só 4,65% foram pagos até o final de maio.

(VI)

ECONOMIA | NEGÓCIOS

sexta-feira, 22 de maio de 2009, 10:28 | **Online**

Não leve gato por lebre

Profissionais orientam como fazer uma boa compra e evitar sustos posteriores

Tamanho do texto? **A A A A**

SÃO PAULO - Quem está querendo aproveitar as ofertas do Feirão da Casa Própria da Caixa precisa ficar atento a uma série de aspectos antes de fechar um negócio. Toda precaução é necessária para não cair em armadilhas que podem surgir só depois da mudança. Antes de qualquer decisão, o mutuário deve visitar o local em que pretende morar em diversos horários e dias para avaliar se a região atende às suas necessidades e expectativas.